

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

**A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA E O RACISMO BRASILEIRO: UMA  
ANÁLISE DAS ESTRUTURAS PSÍQUICAS QUE ADEREM A IDEOLOGIA DO  
BRANQUEAMENTO**

Mônica Salci Capelasso, (Instituição de Fomento: CNPq, Universidade Estadual de Maringá, subjetividade e Práticas Sociais na Contemporaneidade, Maringá-Pr, Brasil; Angela Maria Pires Caniato (Universidade Estadual de Maringá, Subjetividade e Práticas Sociais na contemporaneidade, Maringá-Pr, Brasil.

contato: monicapelasso@gmail.com

**RESUMO**

O presente artigo buscou analisar o contexto psicossocial no qual o preconceito e a discriminação se instaura e articulá-lo com a personalidade autoritária do branco que mantém o racismo no Brasil. Com vistas aos pressupostos teóricos da Psicanálise de Freud e da Teoria Crítica de Adorno, depreendeu-se que a personalidade autoritária, compreendida como características psicossociais que pré-dispõe os indivíduos ao preconceito, ganha espaço no Brasil atual e contribui para a manutenção da assimetria racial que tanto violenta e oprime o negro, enquanto coloca o branco em uma posição de privilégio econômico e de *status* por meio do estereótipo da brancura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preconceito. Racismo. Autoritarismo. Psicanálise.

**INTRODUÇÃO**

Atualmente o preconceito e a discriminação racial atravessam o Brasil, mas com outras roupagens que não mais correspondem com o sistema escravocrata responsável por trazer milhões de negros para o país. Os filhos dos que eram escravos se tornaram trabalhadores livres, pertencentes as posições mais baixas dentro de uma sociedade de classes, apesar do sistema de governo vigente ser aquele dito democrático pautado na

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

ideologia<sup>1</sup> neoliberal e em princípios da revolução francesa.

Mesmo com um discurso que oportuniza a todos os mesmos direitos, a realidade que encontramos no Brasil evidencia uma disparidade concreta e simbólica entre negros e brancos no país. Isso significa, que a diferença não está apenas na questão econômica que influencia diretamente nas condições materiais dos indivíduos, mas também nos "referenciais positivos sobre si próprio para manter a sua autoestima, o seu autoconceito, valorizando suas características e, dessa forma, fortalecendo o grupo" (Carone et al, 2014, p. 27-28).

Segundo os dados publicados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre a desigualdade racial, os negros representam a maioria da população pobre no Brasil, 63,63. Outros dados da pesquisa revelam que a população negra no Brasil têm rendimentos menores do que a branca em todas as situações que envolvem rendimentos arrecadados via ocupação ou seguridade social (IPEA, 2014, p. 25).

Somado com a essa desigualdade social, advém a desigualdade simbólica, que se expressa em um sentimento de superioridade da branquura em relação aos negros, os quais muitas vezes como autodefesa, tentam negar todos os elementos representativos que não sejam próprios da cultura branca, porque estes adquiriram uma conotação pejorativa diante da "prática racista que se encontra inscrita na estrutura social, econômica, histórica e cultural das sociedades ocidentais" (Fanon como citado em Schucman, 2014, p. 51).

Nesse sentido, buscou depreender como a personalidade autoritária,

---

<sup>1</sup> O conceito de ideologia aqui utilizado se refere a organização de opiniões, atitudes e valores sobre diversos assuntos da sociedade, como "política, economia, religião, grupos minoritários etc."(Adorno et al, 1965, p. 27). O autor explica, que essas ideologias são determinadas por processos históricos, nas quais um indivíduo isolado não tem qualquer influência sobre ela, e que estas "exercem sobre cada indivíduo diferentes graus de atração, que dependem de suas necessidades a medida em que estas são satisfeitas ou frustradas" (p.27).

compreendida como características psicossociais que pré-dispõe os indivíduos ao preconceitos, ganha espaço no Brasil atual e contribui para a manutenção da assimetria racial que tanto violenta e oprime o negro, enquanto coloca o branco em uma posição de privilégio econômico e de *status* por meio da brancura.

Para trilhar esse percurso, inicialmente será apresentado a conceituação do termo preconceito, além de evidenciar sua serventia para uma sociedade estratificada por classes e de investigar as necessidades psíquicas dos indivíduos que o reproduzem.

### **A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA QUE DISCRIMINA E VIOLENTA O NEGRO NO BRASIL**

O preconceito, segundo Caniato (2008) como citado em Carone (2005) é uma "atribuição social de malignidade a determinados indivíduos ou grupos, correspondente a uma categorização de classe social que, muitas vezes, veicula uma atitude política e étnica aversiva" (p. 22). Segundo a autora, o preconceito serve para manter estruturas de poder vis que privilegia poucos sob a égide do dinheiro. Certos funcionamentos sociais são ofuscados para que haja uma adesão passiva da população que internaliza o preconceito e a violência nela inculcida. Nas palavras da autora, "a escolha de quem deve ser hostilizado atende a interesses político-econômicos hegemônicos da época" (p. 22).

Esses interesses político-econômicos correspondem a uma sociedade contemporânea que está submetida a lógica do capital, no qual o humano do homem é transferido ideologicamente para a mercadoria, que passa a ser objeto de desejo. Ou seja, o homem é coisificado e para que ele retome a sua humanidade, é levado a acreditar que precisa "ter", consumir para que lhe seja devolvido seus atributos humanos, que estão incorporados nos objetos de consumo. Nesse sentido, os indivíduos

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

são conduzidos a pensarem, agirem e se relacionarem não para irem em busca de uma vida saudável e permeada por vínculos amorosos, mas sim para serem peças da engrenagem de um sistema econômico que para se manter em vigor, necessita de uma fluidez contínua de compra e venda no bojo de seu mercado financeiro.

Nesse cenário, o preconceito serve perfeitamente como uma ferramenta social para naturalizar a condição social da população pobre, a culpabilizando por não ter dinheiro e nem valor. São taxados e "perseguidos como os portadores do mal" (Caniato, 2008, p. 24). Os ricos, como expressão do outro lado da moeda, são aqueles designados como os 'portadores do bem', a quem está destinada a liberdade ao gozo, ao consumo e aos próprios impulsos libidinais.

Além da nítida dicotomia entre ricos e pobres, em que estes últimos são alvos de preconceito sendo culpabilizados por decorrência da construção de uma sociedade de classes, outros indivíduos ou grupos sociais podem estar sujeitos aos preconceitos sem necessariamente pertencerem as classes economicamente mais baixas da sociedade. Aqueles estigmatizados como os 'portadores do mal' podem assim serem designados por vários motivos que representam um desvio, uma resistência ou transgressão as normas provenientes desse sistema político-econômico-militar que privilegia o grande capital em detrimento dos indivíduos.

Em vista disso, compreende que o preconceito está intrínseco a sociedade de classes, pois além dele culpabilizar o indivíduo se sua classe social for baixa, tal como pontuou Caniato (2008), ele resulta de uma ordem social que dissemina valores e diferencia seus integrantes para manter a desigualdade e a apropriação da propriedade privada.

O Brasil por ser um país de elevada desigualdade econômica, tende a manter

fortes preconceitos dentre a sua população. Mais especificamente sobre o racismo, desde o período das grandes navegações, século XV e XVI, a dominação do branco sobre o negro demarcou a diferenciação concreta e simbólica que se reflete até nos dias de hoje. O pensamento hegemônico que colocou o branco como modelo etnocêntrico desde aquela época, ainda reverbera fortemente no ideário da população. Schucman (2014) referenciando Fanon (1980), aponta que a identidade racial do branco é constituída por um sentimento de superioridade e tem suas origens no Brasil desde o período colonial, uma vez que a estrutura presente da época, de colonizadores e colonizados, produziu também assimetria nas subjetividades de ambos.

Não mais por meio da escravidão, a desigualdade racial continua atravessando o país ao destinar ao negro uma condição de inferioridade em relação ao branco no que diz respeito as posições sócio-econômicas, ao *status*, aos ideais de beleza, aos elementos culturais, dentre outros aspectos que perpassam suas vivências.

No entanto, não é raro discursos de brancos que se eximem da responsabilidade de pensar sobre a desigualdade racial, isso quando não a desconsideram. Isso porque, a primeira vista, há uma ideologia no imaginário da população brasileira que o branco nada tem que ver com a desigualdade que coloca o negro como escória social, mais especificamente, ela não considera suas implicações nas amplas diferenças concretas e simbólicas existentes entre esses dois grupos. Conforme Carone et al (2014), existe "um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais do Brasil" (p.26).

Nesse sentido, por mais que o racismo brasileiro tenha bases seculares, há uma incongruência dessa realidade devido a discursos de que ela é inexistente e, com isso, há uma adesão da população a essa ideologia. Isto é, o preconceito e a discriminação racial

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

são entendidos como algo distante e, portanto, sem importância. Carone et al (2014) aponta que a ideia de democracia racial que oportuniza ao branco não assumir sua condição de privilégio, é afirmada com discursos como os de Gilberto Freyre que usa a política de miscigenação - que ocorreu no final do século XIX e início do século XX - como sinal de aproximação e diluição de conflitos entre brancos e negros no país. Entretanto, o fato é que essa política de miscigenação foi usada para promover a emigração de quase quatro milhões de europeus para branquear a população e não ter o negro como referência no país, pois este era considerado com um nível intelectual e moral inferior em relação aos brancos.

Seguindo essa lógica de que haveria uma mudança qualitativa do nível intelectual e moral da população brasileira futura se fosse intensificada a mistura entre as raças para que as características físicas do branco suplantassem as negras, indica que ser considerado branco no Brasil está relacionada estritamente ao *status*, ao fenótipo e a aparência física, independente da genética e da origem étnica. Diferente de outros países, como, por exemplo, os Estados Unidos que associa o *status quo* de branco somente a origem étnica e a genética; e a África do Sul, que considera apenas o fenótipo e a origem (Schuman, 2014).

Nesse sentido, a branquitude - aqui considerada como "traços de identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre o branqueamento"(Carone et al, 2014, p. 25) -, teve origem desde o Brasil colônia e está presente desde os dias de hoje. Assim, contrariando o ideário que o branco não faz parte da constituição do racismo no país, prioriza-se aqui enxergá-lo como agente do preconceito e da discriminação racial, e não apenas como indivíduo passivo que atribui ao negro a condição de aspirar a branquitude.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

A considerar que a personalidade autoritária corresponde a uma predisposição discriminatória de indivíduos etnocêntricos e que prezam o convencionalismo<sup>2</sup> (Carone, 2012), a sociedade brasileira sugestiona o desenvolvimento dessas personalidades mantenedoras do racismo, uma vez que mantém características do colonialismo escravocrata, conforme explana Chauí (2013):

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, a sociedade brasileira é marcada pelo predomínio do espaço privado sobre o público e, tendo o centro na hierarquia familiar, é fortemente hierarquizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação de mando e obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade. As relações, entre os que julgam iguais, são de "parentesco", isto é, de cumplicidade; e, entre os que são vistos como desiguais, o relacionamento toma a forma do favor, da clientela, da tutela ou da cooptação, e, quando a desigualdade é muito marcada, assume a forma da opressão (Chauí, 2013, p.158).

Nessa sociedade que perpetua relações de poder assimétricas, há uma atmosfera cultural propícia para uma estruturação psíquica formada a partir de ideologias fascistas e pensamentos hegemônicos, haja vista que o país possui um passado escravocrata recente que deixou marcas evidenciadas cotidianamente.

Como herança desse passado colonial e escravocrata, aquele que introjeta a ideologia do branqueamento, predominante na sociedade brasileira, irá se identificar com um ideal branco, que consiste na valorização de todos os elementos próprios da cultura branca, desde as características físicas às crenças e hábitos. Em contrapartida, os elementos representativos da cultura negra passam a ser desqualificados, subjugados e

---

<sup>2</sup> O convencionalismo se caracteriza por um apego excessivo frente às convicções e preconceitos (Carone, 2012), mantendo posições ideológicas seculares que, a partir da ideologia do branqueamento fortemente difundida no Brasil, coloca o negro como escória de uma sociedade classista e racista. Assim, o preconceito, a falta de oportunidades, as opressões, e até mesmo os assassinatos contra a população negra, infelizmente tendem a se perpetuarem.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

até mesmo, criminalizados. Dessa maneira, o negro passa a ser alvo de depreciação e de preconceito, enquanto o branco é colocado em uma posição de superioridade e de privilégio.

No entanto, por mais que o branco internalize, em maior ou menor intensidade, a ideologia do branqueamento e esteja em uma posição privilegiada na sociedade brasileira, ele não reconhece a sua posição de superioridade diante dos negros, pois essa ideologia é introjetada ao mesmo tempo que perpassa em seu imaginário uma "(...) representação homogênea que os brasileiros possuem de si mesmos" (Chauí, 2013, p. 7). A autora explica que há uma solução imaginária para a resolução de uma tensão real, sendo possível coexistir discursos de que negros são vagabundos e incompetentes ao lado de um orgulhoso sentimento de ser brasileiro, povo que possui uma rica e invejada mistura de raças.

Essa característica evidencia uma lógica que dispensa os dados da realidade no qual se assemelha a um funcionamento psíquico próprio da massa citada por Freud (1921/2011), regida pelas leis do inconsciente. O pensamento que deveria estar integrado aos dados de realidade se torna fragmentado, o privilégio da brancura que está diretamente associado com as desvantagens do ser negro, é negado ou justificado por discursos embasados sob o preconceito ao naturalizar as classes sociais e qualificar os brancos como os mais esforçados, inteligentes e belos.

Melaine Klein ao contribuir e desenvolver com os pressupostos da psicanálise, teoriza sobre a posição esquizoparanóide que muito expressa essa dissociação do real para dar vazão as fantasias inconscientes que aderem as ideologias presentes no meio social no qual se vive. A posição esquizoparanóide cunhada por Klein, de acordo com Zimmerman (1999), nada mais é do que uma dissociação da mente adjunto aos distúrbios

da percepção provenientes de projeções. Esta dissociação, também chamada como clivagem ou *splitting*, acontece pela necessidade de conter as experiências prazerosas e evacuar as experiências desprazerosas.

Mesmo que ambas sensações - de prazer e desprazer - façam parte da estrutura psíquica do indivíduo, a necessidade de dissociá-las possivelmente acontece quando há um contato demasiado das experiências ruins em detrimento das boas, o que culmina em uma alta frustração considerada, por vezes, insuportável. Assim, o psiquismo efetua sua própria cisão e projeta elementos causadores destas angústias em prol da autodefesa.

Nesse sentido, a cisão egoica do branco no que concerne as questões raciais do país, pode-se conjecturar sobre a projeção de objetos maus que recaem sobre o negro em uma tentativa do branco se omitir de sua própria consciência a responsabilização pela opressão ao negro. Devido a tamanha desigualdade racial, uma integração do ego desses indivíduos, implicaria em assumir uma condição de privilégio conquistada em cima da exploração sobre o negro, que divide a população entre ricos e pobres, bons e maus, superiores e inferiores, brancos e negros.

Na mesma lógica de funcionamento, Carone (2012) aponta que os indivíduos que desenvolveram uma personalidade autoritária durante seu processo de socialização, estão suscetíveis a "(...) idealizarem o grupo e o líder com os quais se identificam (*in group* ou endogrupo) e a projetarem qualidades negativas nos grupos com os quais se contra-identificam (*out-groups* ou exogrupos), os objetos do preconceito"(p.15).

De acordo com ideologia do branqueamento, tem-se como pressuposto que os negros se enquadrariam em um 'exogrupo', no qual teria qualidades negativas para que o 'endogrupo' (branco), pudesse ser fortificado e vangloriado como sendo o referencial normativo da sociedade. Nesse sentido, o negro serviria como objeto de projeção frente

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

as aspirações frustradas do branco para que ele consiga suportar a sua condição real, sentida como fracassada.

Tais fracassos podem derivar do próprio sofrimento inerente ao ser humano: as intempéries da natureza, a decadência do corpo e as relações interpessoais, conforme Freud (1929/1996) descreveu em "*O Mal Estar na Civilização*". Um potencializador dessa frustração que poderia acometer o branco, seria os ideais egoicos e estilos de vida inalcançáveis, fabricadas pela Indústria Cultural<sup>3</sup>, pois uma vez inserido na lógica dessa indústria que produz subjetividades, o desejável se torna inatingível pelo seu teor falso.

Dentro dessa lógica, a satisfação é sempre algo a ser atingido na atual sociedade consumista. Conforme aponta Severiano (2010), a promessa de completude e felicidade "via identificação idealizada com as imagens de marca" (p.23), é buscada continuamente devido a frustração sutil dessa ideologia. Desse modo, fica simples deduzir que a classe média branca, por exemplo, gostaria de possuir um maior capital financeiro, além de um padrão de beleza idealizado pelas grandes mídias.

Como resultado dessa lógica mercadológica que padroniza ideais de beleza e de comportamentos, o negro com seus traços fenotípicos, condição socioeconômica e particularidades culturais, se torna alvo fácil de escárnio e preconceito. Nesse sentido, o negro passa a ser culpabilizado por suas características psicofísicas e pela condição pobre que foi historicamente destinada a ele.

---

<sup>3</sup> "O conceito de indústria cultural, cunhado por Horkheimer e Adorno (1985a), é uma trama em que necessariamente se enlaçam outros conceitos (tanto da esfera social quanto da subjetiva). Eles tecem um momento histórico em que ocorre a mercantilização da produção simbólica dos homens e, com isso, a anulação da sua humanidade, uma vez que esses (sob a imposição da mercadoria) não podem ser a multiplicidade e singularidade que os caracteriza, mas se tornam homens coisificados, cuja interioridade é de tal forma violentada que, para eles dizerem 'não', à reprodução dos ditames sociais, é um processo muito difícil de ser feito porque fragilizada suas instâncias críticas norteadoras de uma ação emancipatória"(Adorno como citado em Rodrigues & Caniato, 2012, p. 229).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Destarte, o negro se torna objeto de preconceito, tal como os judeus foram na Alemanha Nazista. Estes criminalizados pela crise econômica e moral que o país vivia na época, o negro no Brasil assume essa mesma posição que o culpabiliza, para que o branco consiga tolerar de forma menos angustiante, suas frustrações que jamais serão transformadas em conquistas satisfatórias. Mais especificamente, o branco tende a se conformar por não possuir o corpo ideal e a não ter tanto dinheiro quanto gostaria, pois lhe resta o *status quo* de ser branco, sendo um 'alívio', portanto, não ser negro.

Além do mecanismo de projeção sobre o negro, que pode servir para abrandar os sentimentos de angústia do branco, Carone (2012) aponta para outras disposições dos indivíduos de personalidade autoritária: traços sadomasoquistas, a anti-intracção, e o convencionalismo, conforme citadas acima. Ao transpor tais traços psíquicos para os brancos dentro do contexto de discriminação racial brasileiro, observa-se que o sadomasoquismo se expressa na adesão do branco aos ditames da indústria cultural (masoquismo), e na opressão e violência contra o negro (sadismo).

No que diz respeito a anti-intracção, o branco que não possui facilidade em entrar em contato com seus próprios sentimentos, tende a não desenvolver uma sensibilidade suficiente que possibilite uma compreensão de si e uma empatia com o outro. Principalmente, quando este outro possui características peculiares que foram estigmatizadas socialmente, como é o caso do negro. Desse modo, julgar, discriminar e condenar o negro, pode se tornar um hábito trivial, haja vista que ser duro com o outro é justificado pela dureza que se tem consigo próprio. Nas palavras de Adorno (1986) como citado em Caniato (2008):

Aquele que é duro contra si mesmo adquire o direito de sê-lo contra os demais e se vinga da dor que não teve a liberdade de demonstrar, que precisou reprimir. Esse mecanismo deve ser conscientizado, da mesma

forma como deve ser fomentada uma educação que não mais premie a dor e a capacidade de suportá-la. [...] não devemos reprimir o medo. Quando o medo não for reprimido, quando nos permitirmos ter tanto medo real quanto essa realidade merecer, então possivelmente muito do efeito destrutivo do medo inconsciente e reprimido desaparecerá (Adorno, 1986b, como citado em Caniato, 2008, p. 22).

Nesse sentido, a indiferença com o outro se torna uma das formas de barbárie da contemporaneidade (Pucci, et al, 2014, p. 47). O indivíduo passa a ser conduzido pela competição, apatia e discriminação com o outro que tenha alguma particularidade que o diferencie daquele que observa e estigmatiza. O negro, geralmente distante dos parâmetros econômicos e de *status* que atribuem valor aos indivíduos, é colocado historicamente como alvo da agressividade autoritária (fascista) branca.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este trabalho foi possível analisar que o racismo no Brasil é resultado de uma estrutura de poder político econômico que perdura séculos, e que encontra ressonância em uma população que adere aos discursos ideológicos fascistas, destituídos de reflexão crítica e razão lógica consistente. Além disso, o racismo é muitas vezes invisibilizado por decorrência da naturalização da desigualdade entre negros e brancos na sociedade brasileira, impedindo de pensá-lo como efeito de uma sociedade estratificada por classes e endossada por personalidades autoritárias brancas.

Desse contexto, destaca-se que os mecanismos psíquicos da personalidade autoritária branca é resultante de um Eu fragilizado, cuja consciência não consegue intervir criticamente na comunicação entre o inconsciente e as ideologias neoliberais regida pelas estruturas sociais vigentes. Assim, a posição de privilégio que o branco

ocupa quase sempre não é reconhecida por ele, além de ser negada a marginalização histórica do negro na sociedade brasileira.

Nesse cenário em que a ideologia da democracia racial ganha lastro, a divisão de classes demarcada pela cor da pele parece ser apagada da memória e, por conseguinte, parece ser retirada a possibilidade de simbolização dos estigmas sociais registrados na subjetividade negra. Como forma de resistência a essa omissão e fragmentação da história racial no Brasil, os contrastes e desigualdades que transpõem os estereótipos precisam ser resgatados e evidenciados. O re-conhecimento da história que constitui a nação brasileira, se mostra como uma abertura que potencializa a luta pela construção da igualdade racial no país, e que denuncia um sistema político-econômico excludente.

Longe de esgotar a temática, esse trabalho visou suscitar reflexões que confronte contradições socioeconômicas que produzem personalidades autoritárias que sustentam o racismo. Para assim, somar forças com o movimento negro para o enfraquecimento do racismo, a favor de políticas afirmativas para a população negra em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Adorno, W. T. et al. (2005). *La Personalidad Autoritaria*. Buenos Aires.

Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.

Caniato, A. M. P. (2008). *A violência do preconceito: a desagregação dos vínculos coletivos e da subjetividade*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 60(2).

Carone, Y. (2012). *A personalidade autoritária - Estudos Frankfurtianos sobre o Fascismo*. Revista Sociologia em Rede, vol. II, num. 2.

Carone, Y.; Bento, M. A. S. (2014). *Psicologia Social do Racismo - Estudos sobre*

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

*branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes.

Chauí, M. (2017). *Democracia e sociedade autoritária*. Recuperado em 13 de fevereiro, 2017, de <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24574/14151>

Chauí, M. (2013). *Brasil - mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Coimbra, C. M. B.; Nascimento, M. L. *Ser jovem, ser pobre é ser perigoso?* Recuperado em 12 de fevereiro, 2017, de <http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos sti/Maria%20L%C3%ADvia%20do%20Nascimento/texto23.pdf>

Freud, S. (1996). *O Futuro de uma Ilusão, O Mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (2011). *Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros trabalhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

IPEA (2014). *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Recuperado em 13 de fevereiro, 2017, de <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>

Pucci, B. (2014) et al. *Teoria Crítica na Era Digital*. São Paulo: Nankin.

Rodrigues, S. M.; Caniato, A. M. P. *Subjetividade e indústria cultural: uma leitura psicanalítica da cumplicidade dos indivíduos com a lógica da mercadoria*. Recuperado em 01 de fevereiro, 2017, de [file:///D:/Downloads/Subjetividade%20e%20Ind%C3%BAstria%20Cultural\\_Samara%20M%20Rodrigues%20e%20Angela%20M%20P%20Caniato-3.pdf](file:///D:/Downloads/Subjetividade%20e%20Ind%C3%BAstria%20Cultural_Samara%20M%20Rodrigues%20e%20Angela%20M%20P%20Caniato-3.pdf)

Schuman, L.V. (2014). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo - branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume.

Severiano, M. F. V. “Lógica do mercado” e “lógica do desejo”: reflexões críticas sobre a sociedade de consumo contemporânea a partir da Escola de Frankfurt. Recuperado em 20 de fevereiro, 2017 <http://pt.scribd.com/doc/54432972/Logica-do-mercado-e-logica-do-desejo-reflexoes-criticas-sobre-a-sociedade-de-consumo-contemporanea-a-partir-da-Escola-de-Frankfurt#scribd>

Zimmerman, E. D. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369